

© Potiguar

Ano VII Nº 37

Janeiro / Fevereiro 2004

Distribuição Gratuita



VOZ

A - bre a ja - ne - la, vem ou - vir, A que - ri - da,
Um lou - co tro - va - dor que can - ta ao lu - ar. vem ou
vir a can - ção de min - ha vi - da vem o -
vir meu a - mor bal - bu - ci - ar. Vem ou - ar Che - ga - te a

D.S. al Fine

OLYMPIO BAPTISTA FILHO
o mestre de canções seresteiras



Cartas

Macaíba/RN, 22-12-2003

Caro João Gothardo,

Sou pesquisador da história de meu município e do Rio Grande do Norte, possuo uma pequena biblioteca a qual denominei de "Dr. Octacílio Alecrim", escritor conterrâneo, atualmente esquecido pelos seus coestaduanos.

Esta biblioteca presta enormes serviços a comunidade de Macaíba; estudantes, professores, pesquisadores, enfim uma gama de estudiosos recorrem aos nossos arquivos.

Raramente consigo um exemplar do vosso valioso jornal, de maneira que possuo poucos exemplares, mais na certeza de ser este informativo de relevantes serviços prestados a cultura estadual e a informação precisa e honesta, divulgando biografias, histórias, informando as pessoas, preparando-as para uma nova era, quero fazer-lhe um pedido especial, no sentido de V. Ex. informar-me como posso fazer para ficar recebendo sempre "O Potiguar", bem como também alguns números atrasados disponíveis, afim de suprir a lacuna deste periódico em nossos arquivos.

Com referência aos números atrasados, em especial nos toca, é o de homenagem ao centenário de falecimento do cientista Augusto Severo, aproveito para colocar-me a disposição como pesquisador da história da minha terra que tem grandes vultos de projeção estadual, nacional e até internacional, tal os quais,; Auta de Souza, Renard Perez, Henrique Castriciano, Maria Alice Fernandes, Alberto Maranhão, Dr. João Chaves, Des. Luis Tavares de Lyra, Jessé Freire (pai), José Melquíades, Armando Fagundes, Ministro Tavares de Lyra e seu irmão João de Lyra Tavares, entre outros.

Por fim, parablenizo a diretoria deste veículo informativo, pela união e espírito de luta, contribuindo para o desenvolvimento e acompanhando todos os passos do progresso que virá com certeza.

Ao senhor e vossa equipe, muita saúde e paz para o ano de 2004, e que Deus proteja vossos trabalhos. Na certeza de vossa compreensão, aguardo ansioso sua resposta.

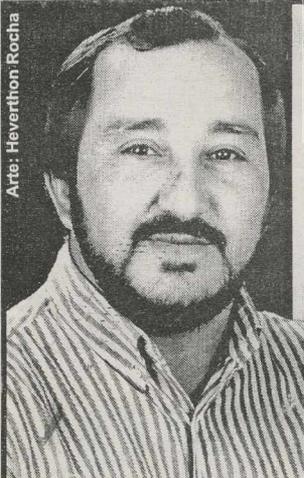
Francisco Anderson de Lyra Tavares

EXPEDIENTE

- Diretor -	- Programação Visual -
João Gothardo D. Emerenciano	Ramos Cruz
- Editor -	- Capa -
Moura Neto	J. M. Vieira
- Revisão -	- Gerente Comercial -
João Gothardo D. Emerenciano	Carlos Frederico Câmara
Giuliano Emerenciano Ginani	- Impressão -
	Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.



Arte: Heverthon Rocha

Gabinete do Vereador Jorge Araújo

www.vozdazonanorte.com.br

jorgearaujo@vozdazonanorte.com.br

jorgearaujo@cmnat.rn.gov.br

Telefone: 84 211-2972

UM CRISTÃO A SERVIÇO DA COMUNIDADE

A morte do Brigadeiro Dendé Arco-verde (1857)

André de Albuquerque Maranhão Arco-Verde, o famoso Brigadeiro Dendé Arco-verde, nasceu por volta de 1797. Foi proprietário, dentre outros bens, do famoso engenho Cunhaú. Era filho do casal José Inácio de Albuquerque Maranhão – Luzia Antônia de Albuquerque Maranhão. Casou-se com a prima Antônia Josefa.

Político, o Brigadeiro foi deputado provincial no período legislativo de 1852 – 1853, reeleito para o biênio 1854-1855.

Quando o Dr. Bernardo Machado da Costa Dória assumiu o governo da Província, em 1º de abril de 1857, tomou conhecimento da existência de diversos criminosos espalhados por variados pontos do Rio Grande do Norte, principalmente nos termos de Vila Flor, Estremoz, Goianinha e Imperatriz. Muitos daqueles criminosos, às vezes pronunciados e até condenados, viviam publicamente a afrontarem a lei e as autoridades. Muitos deles, autores de crimes notórios, nem sequer haviam sido processados.

Contando com a ajuda da força policial e da tropa de 1ª Linha, o Governo conseguiu a captura de mais de 90 criminosos, dentre os quais, Miguel Eduardo Freire, ex-delegado de polícia e presidente da Câmara Municipal da vila de Touros; o Pe. Cândido José Coelho, vigário



de Estremoz; o sanguinário Antônio Ribeiro de Paiva; José dos Santos Cária Júnior; os escrivães Manoel Antônio Chaves e João José de Melo; todos eles recolhidos às prisões públicas.

A diligência mais importante visada pelo Dr. Costa Dória era promover a prisão do Brigadeiro Dendé Arco-verde, homem poderoso, pertencente a uma família numerosa e influente. Segundo era público e notório, o Brigadeiro era acusado de haver assassinado entre outros infelizes, a um irmão e a sua própria esposa.

Quando a força pública cercava a casa-grande do engenho

Cunhaú, o seu proprietário ingeriu veneno (verde francês), e “foi mister que o deixasse a Justiça humana, quando o chamava e ia tomar-lhe contas a Justiça Divina”. Eram 10:45h da manhã do dia 26 de julho de 1857. Sepultou-se na capela do engenho Cunhaú.

Segundo relata o Presidente Costa Dória, “Se porém Arco-verde não chegou a ser capturado e recolhido à cadeia desta Capital, conforme as ordens expedidas, o fato que acabo de relatar não deixou de produzir efeitos benéficos pelo exemplo”.

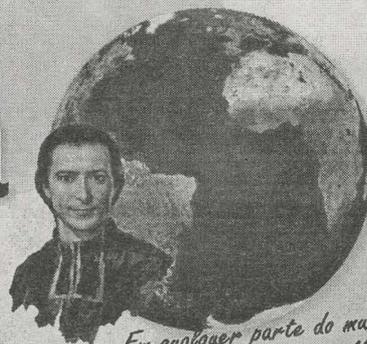
Olavo de Medeiros Filho

RELATÓRIO APRESENTADO PELO EXMO. PRESIDENTE DR. BERNARDO DA COSTA DORIA, AO EXMO. VICE-PRESIDENTE, DR. OCTAVIANO CABRAL RAPOSO DA CÂMARA, POR OCASIÃO DE PASSAR-LHE A ADMINISTRAÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE, em 19 de maio de 1858. Typographia Liberal Rio Grandense, 1858, pp. 6-7;



Colégio Marista de Natal

www.marista-natal.com.br
Rua Apodi, 330 - Centro (84) 211-5005



*Em qualquer parte do mundo
temos orgulho de ser Marista.*

Minha mensagem (chapliniana) de ano novo



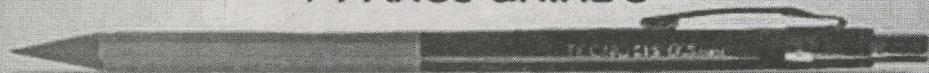
O filme “O Grande Ditador”, realizado em 1940, é o primeiro onde Charles Chaplin usou da palavra, em diálogos. Além de outras vezes anteriores, ele estava em cartaz no cinema Rex, a 09 de Setembro de 1961, quando o vi pela primeira vez. Satirizando o fuhrer Adolf Hitler, o filme tem como argumento a história de um barbeiro judeu, extremamente parecido fisionomicamente com o ditador Hynkel. Ao fim, confundido com o tirano, é levado para fazer um discurso ao microfone, diante da multidão fanatizada pelo ditador. Pronuncia então um maravilhoso novo “sermão da montanha”.

Muita gente já viu o filme, mas poucos tem o texto deste discurso chapliniano, que transcrevo aqui, fazendo das palavras do mestre da comédia hollywoodiana a minha mensagem desejando um abençoado Ano Novo de 2004 aos fiéis leitores destes meus artigos para o jornal “O Potiguar”.

“Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar a todos – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos. Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo. – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaços para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e temos feito marchar a passo de ganso para a

71 ANOS UNINDO



TRADIÇÃO E MODERNIDADE.

Ao completar 71 anos, o Colégio Nossa Senhora das Neves, consolida-se como um grande referencial no ensino potiguar, com competência, dedicação e técnica. O NEVES demonstra que além de tradição agrega valores como dinamismo e modernidade.



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

miséria e o morticínio. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mas do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido. A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloqüente à bondade do homem... um apelo à fraternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhões de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, crianças... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: 'Não desesperem!'

A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do po-

vo arrebatarem há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá. Soldados! Não vos entreguem a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas idéias e os vossos sentimentos!

Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como um gado humano e que vos utilizam como carne para canhão! Não sois máquinas! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis; Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos! Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade!

No décimo sétimo capítulo de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos. Está em vós. Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Vós, o povo, tendes o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Portanto, em nome da democracia, usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo...

um mundo bom que a todos assegure o ensejo do trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão. Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!

Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontres, levante os olhos! Vês, Hannah?! O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo das trevas para a luz! Vamos entrando num mundo novo – um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!"

Anchieta Fernandes

SALESIANOS

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530

Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-3560

CNPJ: 08.320.384.0001/31

Cidade Berço

Anunciação, festa. Pre-destinação. Estrela-guia encravada forte, à sombra do marco de posse da terra Brasil, sonho da era esperada, sinal. Cidade que cresceu lenta no tropicopontal Atlântico, contemporâneo do primitivo chegar náutico e do cibernético/

agitos do Baixo, palco oficial de chegada, início, confirmação: indicação de magos entre coqueiros. Micro universo mágico, figura poética de vidas e almas: cidade bruxa – o ego não ousa desvendar os seus mistérios.

Filhos simples de cidade

Burgo de História e estórias, casos e causos, transmitidos pelos que fazem o seu cotidiano sério, boêmio e descompromissado, colorido pelo sol permanente: Nordeste. Nova Amsterdã imposta. Londres Nordestina na visão do poeta.

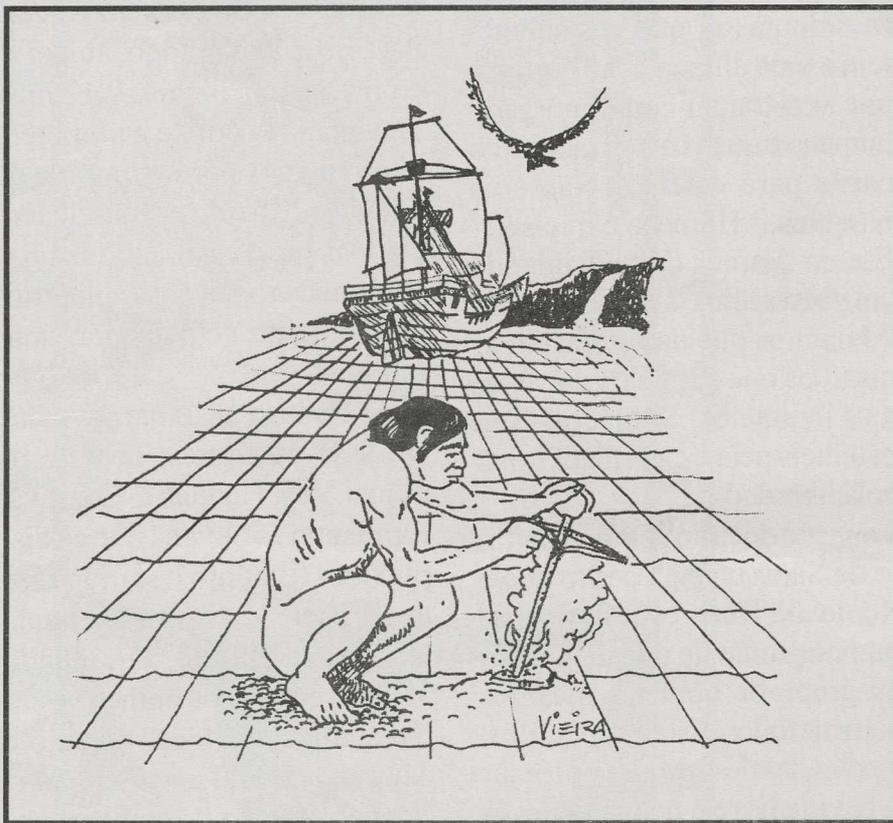
___ Galo madrugador, fé: Rosário de imagens e lendas do Rio Grande, o Potengi. Tapioca gostosa. Peixe frito no dendê.

Canto do Mangue, Ponta Negra, Mercado da Redinha, veraneio com cachaça, tiragosto com caju. Ginga. Cidade manhosa, erguida entre dunas, bela em arrecifes e explosões de ondas, é brisa afável; é verde nas praias e morros da mata Atlântica.

Habitat natural encantado da tribo dos índios comedores de camarão, os Potiguares. Papa-jerimum de verdade, cidade guardada pela natalidade/infância, formação e denego de reis e duendes, cidade circo de palhaços-guerreiros, antevissores da nova aurora: facho, farol, alegria do parto.

Misto de encanto e descobertas. Martelo à luz da manhã. Magia. Cidade viva, eterna na memória dos seus mortos. Cidade nua. Cidade crua. Cidade Santa, segredo: cidade berço.

Eduardo Alexandre



dígito/espacial tempo também de favelas e orelhões, antenas ao mundo, claro, universal: leste.

Primeiras luzes da Sul-américa. Conversa tradicional das personagens do Grande Ponto, becos da velha Ribeira, esquinas e cais;

simples, cativa dos seus amores folclóricos e lúdicos, de fandangos e bumbas de etnia remota, múltipla. Sentinela atenta. Salto. Trampolim de vitórias no além-mar. Pedra guardiã, fortaleza. Sangue cívico de várias jornadas. Luta.



VENERÁVEL IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

NATAL - RN

A Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos está vivenciando e resgatando aquela confiança e o progresso que existiu sob a direção do saudoso provedor Theodorico Guilherme Coelho Caldas (1908-1925), o atual provedor Sr. Mário Bernardo de Souza tem dedicado todo seu empenho e carisma para com os seus associados, realizando um trabalho fraterno e digno da alta estima desta comunidade religiosa.

FUNDAÇÃO: 25 DE DEZEMBRO DE 1825

ADMINISTRAÇÃO

PROVEDOR - MÁRIO BERNARDO DE SOUZA



O pé de Alan

Um amigo meu chamado Alan
Tinha uma fã nas redondezas.
Muito bonita, porém já casada,
Pouco recatada e muito faceira.

O Alan tinha um pé de gigante
Que media quase o dobro da mão.
Claro que onde o seu pé passava,
Uma funda pegada ficava no chão.

Por isso certo dia, alguém notou
No belo jardim dessa sua amiga,
O sulco profundo do seu sapato.
Fato que provado, gerou toda briga.

Quando a estória ficou conhecida,
A tal fã com o marido desapareceu.
Porém as pessoas ainda comentam
E quem viu a cena nunca esqueceu.

Assim, até hoje quando acontece
Um caso parecido com outra cristã,
A rua comenta com o riso contido,
Tem outro traído, olha o pé de Alan.

Olha o pé de Alan, olha o pé de Alan
E no diminutivo, olha o pé de Lan.
Olha o pé de Alan, olha o pé de Alan
E no pejorativo, olha o pé de lâ.

Nelson Freire

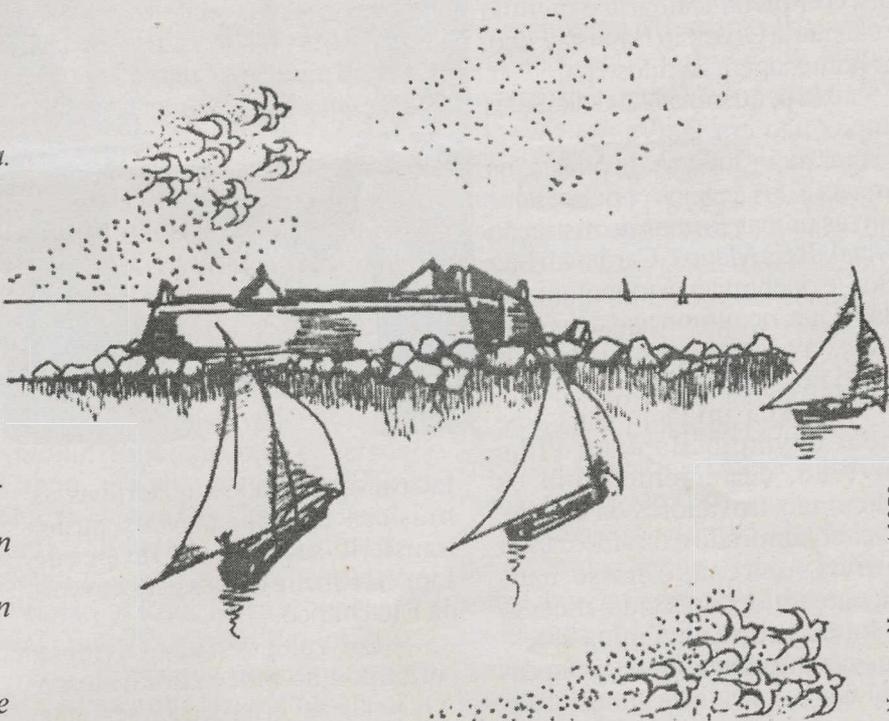
Monólogo do Forte

Enfrentei invasões estrangeiras
Na certeza de triunfar
Incrustado na ponta da pedra,
No encontro do rio com o mar.
Desfraldei a primeira bandeira
De um povo que veio do além-mar.

Eu sou o Forte da minha cidade
Pra posteridade eu hei de ficar.

Agora vivo pintado de branco
Aqui no meu canto sempre a te olhar,
Minha Natal, terra do Sol amado,
Sempre ao seu lado eu hei de ficar.

Joanir Cesar da Costa



Newton Navarro / 1979



Deputado Nelson Freire - PDT

Compromisso com a Cultura do RN

Visite o nosso site www.nelsonfreire.com.br
e acompanhe tudo que acontece na política e na
cultura do nosso estado.

Envie sugestões para o nosso e-mail:
nelsonfreire@nelsonfreire.com.br

Lembrando Olympio Baptista Filho, no seu centenário

Os vizinhos saíram de casa para ver o que estava acontecendo, qual a razão daquele foguetório ainda longe do São João, que quebrava a calma da rua Nova, de casas baixas e pequenas e leito sem calçamento (avenida Rio Branco, à altura da atual Lojas Pernambucanas).

Era o comerciante nesta cidade Olympio Baptista de Andrade que, sem caber em si de contente, alardeava o nascimento de seu primeiro filho homem. Sua esposa, dona Joana Oliveira de Andrade havia lhe dado nove filhas e o marido já quase perdia as esperanças de ter um filho homem que lhe perpetuas-se o nome da família.

Era o dia 13 de maio de 1889, há exatamente cem anos passados. Para completar a alegria o menino se chamaria Olympio Baptista Filho, em homenagem ao ditoso pai.

Na pequenina Natal daqueles tempos não era fácil a um jovem escapar da influência da poesia, da serenata e dos festejos populares que eram as únicas formas de distração – Natal, Reis Magos, Carnaval, São João – e quebravam a monotonia da cidade que, no último ano do século XIX estava com a população de 16.056 pessoas.

Em sua infância e adolescência Olympio Baptista Filho conviveu, certamente, com os tradicionais trovadores da cidade. Deve ter admirado e ouvido cantar Lourival Açucena, o nosso mais antigo trovador conhecido, modelo dos futuros poetas-boêmios-seresteiros-compositores, figura indispensável nas nossas festas familiares, serenatas à lua cheia, folguedos populares. Lourival faleceu em 1907, quando Olympio tinha apenas 18 anos e já, com toda a certeza, iniciado nos rituais poético-melódicos das velhas ruas desertas, das longas madrugadas iluminadas pela pálida luz do luar e dos lampiões a querosene.

Os carnavais de seu tempo de jovem ainda guardavam lembranças dos antigos costumes, quando a festa era comemorada com verdadeiras batalhas onde poucos escapavam aos banhos de água fria, às cuias cheias de farinha e às “laranjinhas” –

bolas de cera cheias de água cheirosa. Um pouco mais tarde o carnaval se “civilizou” um pouco mais mantendo-se, entretanto, a tradição da “batalha” de confete e serpentina. Olympio participou dos carnavais da rua Vigário Bartolomeu, que se ornamentava toda enquanto, na confluência com a rua Ulisses Caldas, armava-se um palanque onde uma das bandas militares da cidade



tocava valsas, chotes, quadrilhas, as músicas da época. Mais tarde, transferiu-se para a rua Tavares de Lira, na Ribeira depois para a avenida Rio Branco.

Por volta de 1924 Olympio participou do bloco carnavalesco “Os Jandaias” e, na década seguinte “Os Pássaros”, sendo ele o “Rouxinol”, Othoniel Meneses o “Bacurau”, César Pelinca o “Galo de Campina”, Joaquim de Moura, o “Canário”, e mais Israel Botelho e tantos outros. Junto a outro grupo que se denominava “Os Quatro Perdidos” – com Gabriel Saraiva, Othoniel Meneses e Alfredo Ricardo – viveu a plenitude dos carnavais de seu tempo de moço. Para este grupo compôs um “hino”, com letra e música.

“Nós somos quatro perdidos / Buscando um só ideal / Com os nossos peitos sentidos / Festejando

o carnaval”.

“Quatro arlequins sonhadores / Nossas bandurras vibrando / Com colombina sonhando / Sempre morrendo de amores”.

E o estribilho:

“Vamos, portanto / Tudo esquecer. / Nada de pranto, / Vamos beber”.

Compôs, também, dois “hinos” para “Os Jandaias”. Num deles, dizia:

“Os jandaias, meus senhores, / Também prestam neste dia, / Homenagens e louvores / Ao reinado da folia”.

O poeta Olympio Baptista Filho está intimamente ligado ao compositor e ao seresteiro. Eram “atividades” inseparáveis, considerando-se o ambiente em que viveu. O jornal “A República”, a 20 de junho de 1911 publicou a sua poesia “Sobre o Túmulo”, ao que tudo indica, a sua primeira publicação. Muito mais tarde selecionou os versos que sonhou ver publicados em livro – o “Phalenas” – que ficou inédito, à espera de uma boa iniciativa oficial ou particular.

Considerando que o ambiente de serenata está presente na grande maioria de seus versos, poder-se-ia afirmar que Olympio Baptista Filho foi o mais característico dos poetas seresteiros do Estado. O seu tema básico foi o amor, na maioria das vezes não correspondido, o que levava a lamentosa queixa, tão ao gosto de sua época. Levar essa queixa ao conhecimento da amada não era coisa fácil naqueles tempos. O meio mais prático era falar diretamente a ela, mandando sua mensagem através de uma poesia musicada e cantada na solidão da noite. O poeta via-se então, transformado no trovador.

No campo da canção seresteira teve momentos muito felizes como a “Canção do trovador”, por ele mesmo musicada, um dos pontos altos da nossa modinha seresteira: “Abre a janela, vem ouvir, querida / Um louco trovador que canta ao luar; / Vem ouvir a canção da minha vida, / Vem ouvir meu amor balbuciar”.

Dedicou “Amor Eterno” à sua noiva Antônia Ferreira Batista, com quem casou aos 23 anos depois de

cinco de noivado e com quem teve 16 filhos. Aqueles momentos de lirismo foram vividos, também, em ambiente seresteiro;

“Tu dormes, meu amor, nesse teu leito / de flores perfumadas sobre o peito... / eu venho despertar-te”.

Mas, não somente a esposa recebeu sua homenagem poético-musical. Um sem número de musas aparecem em seus versos. Famosa, na serenata, ficou “Júlia”:

“Foi no teu rosto, delicado e belo / Que descobri as minhas alegrias! / Sorri meu coração triste e singelo / Só por ti, minha flor, todos os dias”.

Bastante conhecida ficou, também a sua “Dália Roxa”:

“Vi-te uma vez, tão linda, olhando as flores / De um jardim sem perfumes, abandonado, / Olhavas sorridente; e eu só de amores / Te olhava, unicamente, apaixonado”.

Uma “Maria” marcou também sua inspiração:

“Ontem pensei, Maria, no teu rosto / abismado ficou meu pensamento. / Se perdura, Meu Deus, este momento, / Devastava a minha alma, num desgosto”.

Sua musa maior e mais constante era escondida sob o nome de Amira e assim aparece em diversas poesias. Amira era, também, uma das musas de Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738 – Lisboa, 1800) identificada como a Condessa de Pombeiro, a quem o padre brasileiro, poeta, violeiro e mulato, louvava em saraus nos salões aristocráticos da Lisboa setecentista:

“Amira formosa / Escuta os louvores / que os simples pastores / Vêm hoje entoar”.

Mais de duzentos anos depois um outro trovador louvava o nome de Amira, desta vez nas noites enluaradas do Natal. Em “Cantigas”, dizia:

“Amo-te muito, Amira, de minh’alma! / Deixa que eu viva desse amor sonhando!”

Em “Adoração Perfeita”, queixava-se:

“Sei que me odeias, sei que tu, Amira / pensas que vivem da cruel mentira / os meus versos sem arte”

Num instante mais feliz cantava:

“Quando Amira falar, quanta alegria, / Quanta alegria vai sentir

minh’alma!”

Mais tarde, pede a atenção de sua musa para os seus versos:

“Canta Amira, meus versos, que minh’alma / Vibra por ti, por teu amor sincero. / Há quanto tempo, aqui, sozinho espero / para te ver tão venturosa e calma”.

É de se imaginar quantas vezes não despertou Amira, no meio da noite, pela voz de seu trovador:

“Acorda, Amira, vem ouvir de perto / a minha voz, a minha lira errante / por esta noite o coração desperto / para contar-te o meu sofrer constante!”

Seus companheiros de saraus e serenatas, poetas como ele, foram contemplados com belas melodias para os seus versos. A mais famosa de suas melodias foi posta nos versos de Ivo Filho denominados “Súplica”: “Tão fria a noite, tão deserta a rua” é um “clássico” das nossas canções seresteiras. Também receberam melodias suas versos de Sebastião Fernandes, (“Eu e Você” e “Morre o Amor”); João Emerenciano (“Recordação”); Milton Siqueira (“Mágoas” e “Desilusão”); Ponciano Barbosa, (“Descantes”); Miguel Rafael de Moura Soares (“Leonor”); Evaristo de Souza, (“Rouxinol das noites lindas”); Marcos Falcão, (“Desiludido”); Gothardo Neto, (“Ao luar” e “Canção”); Nascimento Fernandes, (“Sonhando”), Luís Ávila, (“Rosa”); Antônio Emerenciano, (“Versos d’alma”, “Toada alegre” e “Saudade”); Maria do Carmo Cavalcanti, (“Saudade”); Joaquim de Moura, (“Versos d’Alma”); Maiupá (“Violão”); Josué Silva, (“Seios”); Israel Botelho, (“Rosa Branca”).

O poeta que maior número de versos teve musicados por Olympio Baptista Filho foi Othoniel Meneses, seu grande amigo e companheiro de boemia (“Viver de Amor” e outra canção como “resposta”, do mesmo nome, “Mimosa”, “Jasmineiro”, “Sereia”).

Em pesquisa realizada pelo Departamento de História da UFRN foram levantadas 55 melodias de Olympio Baptista Filho, sendo 23 para versos de sua autoria e o restante para letras de seus colegas. A evidência destes números leva a uma afirmação: até o momento Olympio Baptista Filho é o nosso maior compositor de canções seresteiras. Segue-lhe de perto outro

grande nome de nossas serenatas, Heronides de França (1860-1926).

Olympio Baptista Filho faleceu a 15 de agosto de 1942. Aposentou-se como 1º Escrivão da Estrada de Ferro Central. Igualmente funcionários da “Central” foram figuras importantes do cenário musical carioca e nacional como Sátiro Bilhar, Eduardo das Neves, Cândido das Neves e o natalense Uriel Lourival.

Os preconceitos sociais da época imputavam ao poeta-seresteiro e tocador de violão uma reputação das menos elogiosas. Os comentários sobre a sua conduta não fizeram – felizmente para a arte! – calar a sua lira. À fama de “boêmio”, “farrista”, “perdido”, respondeu, ativo, com apaixonadas poesias e ternas melodias. Fechando olhos e ouvidos à moral de seu tempo, continuou a buscar as frias madrugadas onde fermentava a sua inspiração e onde encontrava motivos para suas canções.

Pelo legado de canções que deixou para a sua terra, é de se louvarem as memoráveis serenatas da rua dos Tocos (Princesa Isabel), em companhia de Othoniel Meneses, Gabriel Saraiva, Miguel Rafael, Odilon Garcia, Alberto Wanderley, Carlos Siqueira, Evaristo de Souza, Israel Botelho, Gabriel Gomes, Josué Silva, Cavalcanti Grande e tantos outros nomes famosos.

Músico autodidata e portador de limitados recursos ao violão, soube tirar do instrumento melodias marcantes que bem poderiam ser mais lembradas. À sua partida ficou silente a cidade que ouvia cantar a sua voz vibrante por suas ruas. Ganhou, no entanto, uma herança valiosa na forma de sua poesia simples e apaixonada, de suas melodias ricas em emoção.

Enquanto se falar em serenata em Natal há de ser lembrado sempre o nome de seu seresteiro maior, Olympio Baptista Filho, que continua mesmo que ausente, “um louco trovador que canta ao luar”.

Cláudio Augusto Pinto Galvão

Extraído do Jornal O Poti,
edição de 09/07/1989

Traços de um pesquisador emérito

Bela e fascinante é a história do Rio Grande do Norte. Não foram poucos os notáveis e obstinados pesquisadores norte-rio-grandenses que, percorrendo os longos caminhos de volta ao passado, redescobrem nas brumas de antigos tempos, relevantes fatos identificados no campo da cultura cívica, revelando heróicos personagens inseridos no contexto histórico deste expressivo segmento da grande nação brasileira.

Desta plêiade magnífica de brilhantes expoentes das letras potiguares, responsáveis pela preservação do nosso glorioso passado histórico, exposto em importantes obras literárias, destaca-se a figura respeitável de Aduino Miranda Raposo da Câmara. Sua lúcida inteligência e dinamismo profissional o leva a atuar com sucesso nos mais variados setores da atividade humana. Iniciando sua vida ativa no Atheneu Norte-Rio-Grandense, onde conclui o curso secundário, recebe em 1924 o cobiçado diploma de bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Foi professor concursado do velho Atheneu, tendo antes trabalhado nos Correios e Telégrafos. Ingressando no jornalismo teve atuação intensa na imprensa de Natal, tendo integrado o corpo de redatores de vários jornais da época. Como político, foi Deputado Estadual em duas legislaturas, exercendo a função de Primeiro Secretário da Mesa Legislativa da Constituinte de 1926.

No conjunto de seu acervo literário é notada forte atração pela pesquisa, e essa característica, própria dos inquietos e perseverantes rebuscadores de fatos históricos o conduz à época em que o Brasil, no passado longínquo, procurava se



afirmar no plano das nações livres e soberanas, defendendo suas fronteiras invioláveis, derrotando o inimigo insidioso, contribuindo destarte para o fortalecimento da Paz no continente sul-americano.

A guerra contra o Paraguai (1864 / 1865), mobiliza toda a grande nação brasileira para a luta contra o inimigo invasor. O Rio Grande do Norte organiza sua representação militar que segue para a luta no território paraguaio. Toda a saga desses bravos guerreiros potiguares, incorporados ao brioso Vigésimo

Oitavo Batalhão de Voluntários da Pátria; sua participação nos renhidos combates realizados na região do chaco paraguaio; os sofrimentos físicos e morais; as magníficas vitórias: os atos de bravura, coletivas e individuais, onde é exaltado o nome do Alferes Ulisses Olegário Caldas. Toda essa estupenda narrativa vamos encontrar no livro de Aduino Câmara: "O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai". Única referência no gênero, lamentavelmente há muito não encontrado nas livrarias.

O escritor Aduino Câmara, mais uma vez explorando os caminhos da história militar do Rio Grande do Norte, nos revela em seu livro "O Culto de Baraúna", editado pela "Coleção Mossoroense", a identidade de Alexandre Baraúna Pareião, herói do Rio Grande do Norte e Mossoró, destacando o detalhe de que o bravo guerreiro potiguar, ferido gravemente no combate de Paysandu, em 2 de janeiro de 1864, ao tombar exangue, reunindo suas últimas energias exclamou: "Minha Mãe... Viva Mossoró".

Aduino Câmara, falecido no Rio de Janeiro em 17 de outubro de 1952, foi, reconhecidamente, entre outros distinguidos intelectuais do Rio Grande do Norte, um grande expoente da cultura potiguar, orgulho de Mossoró e de todos nós potiguares.

Cleantho Siqueira

Sebo Amorim

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN
Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423

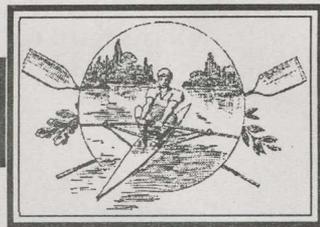
Seb. Art
CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

MATRIZ NA RUA DA CONCEIÇÃO, 617
FILIAIS: RUA VAZ GONDIM, 816 - CENTRO - NATAL/RN
AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67 - TEL.: 9461-5996 / 9415-9924

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS

Prof. Luiz Soares de Araújo



No início do século passado muitos foram os que deram suas contribuições aos esportes potiguares e o prof. Luiz Correia Soares de Araújo foi um daqueles beneméritos, primeiro com o entusiasmo pelo escotismo, fundado em 1908 pelo inglês Baden Powell, chegado a Natal após apelo dramático de Olavo Bilac a Henrique Castriciano, apoiado por Monteiro Chaves, Meira e Sá e Manoel Dantas. Depois pelos movimentos esportivos que começavam a aparecer em Natal – o “foot-ball” que teve em Charles Miller o introdutor no Brasil, além do remo que teve no Oficial de Marinha, Aníbal Leite Ribeiro, seu principal impulsionador nas águas do Potengi lendário.

Convocado para dirigir a LDTRN – Liga Norterio-grandense dos Desportos Terrestres que atravessava período crítico, eleito por aclamação em setembro/1926, procedeu profunda reorganização na entidade, deixando-a numa situação invejável, contando com o apoio de Enéas Reis, Renato Wanderley, José Gurgel do Amaral Valente, Francisco Lopes, Tobias dos Santos, Miguel Ferreira da Silva, Carlito Freire e o te. Antônio Oscar.

Professor, fundador de grupos escolares e um dos iniciadores da Associação dos Escoteiros do Alecrim, constituiu ali a afinada Banda de Música, tendo como regente José Gabriel Gomes, funcionário do Correio e do contramestre Manoel Florentino, do tesouro do Estado, além dos músicos Gil Soares de Araújo,

Moisés Meireles, Teodórico Bezerra, João Alves de Melo e muitos outros. Onde havia um movimento festivo, cívico ou desportivo, lá estava o imperturbável e compenetrado prof. Luiz Soares prestigiando com sua



briosa Banda de Música, que manteve por mais de 40 anos.

Quando a LDTRN – Liga de Desportos Terrestres/RN foi fundada em 1918 e os campos de futebol ainda não existiam oficialmente em Natal, os jogos eram realizados em “praças desocupadas”, porém, lá estava o prof. Luiz Soares e sua Banda de Música para abrilhantar os jogos, localizando-se sempre à entrada do gramado, tocando dobrados

antes e depois das pelepas, com uma particularidade: quando havia o “goal”, o momento mais importante do evento, o regente precisava estar atento para a Banda acompanhar o lance com uma “tocata” adequada que se encerraria quando a bola retornava ao centro do gramado para a largada da partida.

Em 14/01/23, cinco audazes Escoteiros Andantes – José Alves Pessoa, Humberto Lustosa Câmara, Aguinaldo Mendes Vasconcelos, Henrique Borges e Antônio Gonzaga, cumpriram, a pé, o audacioso “raid” Natal / São Paulo, cumprindo o percurso de 6.078km, chegando a São Paulo em 5/8/1923, feito comemorativo à Independência do Brasil, com largada no Natal Clube, tendo a população acompanhado os jovens até o Km 2 da saída de Natal, no Leprosário, e mais uma vez lá estava o impávido prof. Luiz Soares com sua Banda de Música, cujo feito mereceu esta frase de Olavo Bilac: “os jovens escoteiros potiguares caminharam por paragens diversas e mais difíceis, levando seus corações e amor a causa abraçada, e deram uma prova de tenacidade, atestado de vigor e do heroísmo da nossa raça”.

O prof. Luiz Soares recebeu o “Tapir de Prata”, a mais alta comenda do escotismo internacional. Nasceu em Açú, a 18/1/1888 e faleceu em Natal, em 13/3/1967.

Luiz G. M. Bezerra

CDF
CURSINHO

**TURMAS
DE MARÇO**

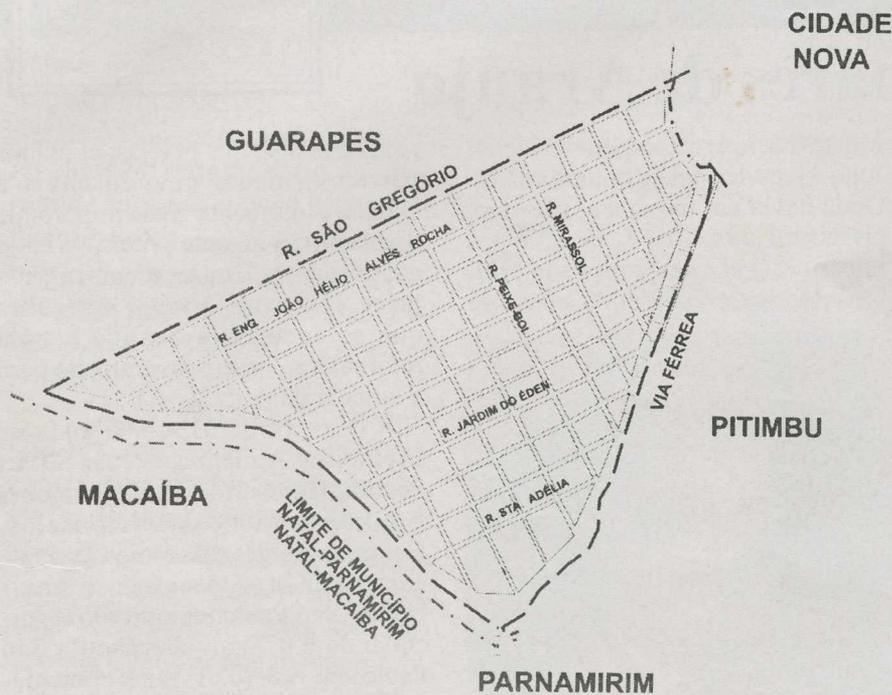
Rua Princesa Isabel, 201-3816 - Centro

100 anos
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

1902 * 2002

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO NORTE**

Planalto



Rio Potengi, parte das antigas propriedades Peixe Boi, Quintas do Vigário, Pitimbu e Guarapes, encravadas, em sua maioria, no município de Natal e parte desses terrenos, nos municípios de Macaíba e Parnamirim, cuja área total foi dividida em 506 quadras e subdivididas em 8.782 lotes. Esses terrenos tornaram-se granjas, sítios, residências isoladas e conjuntos residenciais, dentre os quais, o Planalto.

Além do Reforma, outros loteamentos existiram na área, resultando na atual configuração urbana do mais recente bairro de Natal.

Em 1998, atendendo aos anseios dos habitantes locais, a Câmara Municipal do Natal, através da lei promulgada nº 151, de 26 de março, e publicada no Diário Oficial de 28 de março do referido ano, oficializou a criação do PLANALTO. Com isto, o bairro Guarapes cedeu parte de suas terras, ficando como marco divisório a rua Engenheiro João Hélio Alves Rocha.

Paulo Venturele de Paiva Castro

As terras onde atualmente encontra-se o bairro Planalto pertenceram, em tempos remotos, ao comerciante português Manoel Duarte Machado. Com a morte dele, o domínio dessa propriedade passou a dona Amélia Duarte Machado, viúva do comerciante e detentora de considerável patrimônio imobiliário no município de Natal, que compreendia terrenos em pontos diversos da cidade.

A área do Planalto sofreu parcelamento ao longo do tem-

po, originando alguns loteamentos que foram vendidos, a prazo, para uma clientela, em geral, de baixo poder aquisitivo. Parte desta área pertenceu ao Loteamento Reforma, de propriedade da empresa GERNA S.A - Agropecuária e Indústria, que promoveu o desmembramento dos lotes e a abertura de ruas projetadas, cujo registro imobiliário se deu em 20 de janeiro de 1964, no Terceiro Ofício de Notas desta capital. Dele faziam parte terrenos próprios e terras da marinha, marginais ao

<h1>SINSENAT</h1> <p>Construindo a luta</p>		<p>Filiado À</p> <h1>CUT</h1>
<p>Lutas garantem Conquistas</p>	<p>Presidente Soraya Godeiro Departamento de Imprensa João Napoleão</p>	<p>Rua Gonçalves Ledo, 798 - Centro Fones: (84) 211.2297 / 3082.9312 sensenat@digicoi.1.br www.Sensenateluta.hpg.com.br</p>

Bairros que não “vingaram”



Foto: João Gothardo

O bairro Novo Horizonte, antiga favela do Japão, foi oficializado na administração do prefeito José Agripino Maia

Alguns bairros de Natal, criados por leis sancionadas pela administração municipal, tiveram vida efêmera, pouco se conhecendo sobre a origem dos mesmos.

Na primeira gestão do prefeito Djalma Maranhão foi criado o bairro Padre João Maria, através da Lei nº 836, de 18 de agosto de 1958, desmembrado do bairro de Petrópolis. Posteriormente, no seu segundo mandato, foram oficializados os bairros Ebenezer (Lei nº 1.113,

de 3 de janeiro de 1961) e Presidente Goulart (Lei nº 1.393, de 20 de dezembro de 1963).

O bairro Ebenezer originou-se do loteamento de propriedade dos srs. João, José e Isaías Cavalcanti, na antiga propriedade denominada “Quintas”.

Na gestão do prefeito Ernani Alves da Silveira foram criados os bairros Jaguarari, através da Lei nº 1.580, de 08 de setembro de 1966, desmembrado do bairro do Alecrim; Riachuelo (favela Brasília Teimosa),

através da Lei nº 1.581, de 08 de setembro de 1966; e Potilândia (Lei nº 1.651, de 21 de julho de 1967).

Podemos acrescentar, ainda, os bairros da Conceição (Lei nº 349, de 12 de abril de 1955); São José (Lei nº 1.851, de 23 de setembro de 1969); Novo Horizonte (Adm. José Agripino Maia) e Km 06, na gestão do prefeito Garibaldi Alves Filho

João Gothardo Dantas Emerenciano

**PT HUGO
MANSO**

esse mandato é nosso

A.S. LIVROS

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - CEP 59063-100
Natal/RN - Fone: 206-9099

Boi de Reis



Ilustração: Percy Lau

Boi, boi calemba, bumba, boi de reis, boi bumbá, reis do boi, estas e outras denominações são reconhecidas no Brasil nas suas diversas formas de representar o mais legítimo auto-popular, ligado à forma de teatro hierático, apresentado especialmente no ciclo natalino e transformado no mais importante e puro espetáculo popular folclórico nordestino.

Mesmo levando em consideração sua origem Européia, a estrutura, a temática, seus tipos, figuras e enredo, são essencialmente brasileiros rememorando fatos do

ciclo da pecuária nordestina, com penetração nos terreiros das fazendas, nas vilas e povoados, cantando, dançando e saudando ao público com benditos, baianos e loas.

A verdadeira origem desta importante manifestação perde-se no tempo. Entretanto, trata-se de uma aglutinação de reisados, em torno do reisado maior que teria um motivo: a morte e a ressurreição do boi.

Pereira de Melo afirma que o auto do boi pode ter surgido do arremedo do "Auto de Gil Vicente", "O Monólogo do Vaqueiro", ou do

"Auto da Visitação", armado na câmara da Rainha D. Maria I nos idos de 1500, possível data da origem do teatro português.

Gustavo Barroso, descreve-o com sendo um auto-popular com fantasia matuta inspirado nos costumes do sertão nordestino no período colonial.

Rodrigues de Carvalho, classifica-o como o folguedo mais conhecido na tradição popular, supondo que sua origem esteja relacionado ao boi Àpis Egípcio, atravessando centenas de civilizações, adaptando-se a diferentes

Bella Natal

Restaurante e Pizzaria

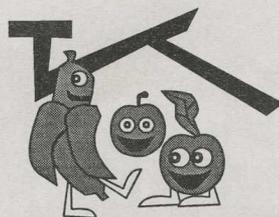
Rodízio de Pizzas

Aberto das 11:00hs
às 23:00hs

www.bellanatal.com.br

Av. Eng. Roberto Freire, 2920, Shopping Cidade Jardim,
Loja 63 - Natal/RN - Fone: 217-4704

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

costumes, tomando várias formas com especial singularidade no nordeste do Brasil.

Artur Ramos considera o mais típico dos autos-populares brasileiros. Procura aproximá-lo ao ciclo dos vaqueiros no sertão do nordeste fenômeno geral dos romances heróicos ligado aos povos pastoris.

Conclui-se portanto, que os relatos de alguns dos mais importantes folcloristas brasileiros encaminham a um estudo mais aprofundado quanto á origem deste importante teatro popular folclórico.

O mestre Luiz da Câmara Cascudo fala do boi nordestino como sendo uma dança rural dramática, moldada ao ambiente rústico e simples, evoluindo com todas as suas figuras para um auto completo, chegando a alcançar a região litorânea com a denominação de boi calemba.

Gilberto Freire, ao comentar o auto do boi em Pernambuco, diz que os escravos vindos da África, não encontraram melhor companheiro do que o boi, para alegrar o seu dia mais triste de trabalho.

O boi brasileiro (mas precisamente o nordestino com seus personagens e bichos) é criação de mestiços e mulatos na luta por uma afirmação social e cultural na marcha lenta dos séculos, deixando em cada estado, cada município, ou povoado, esta manifestação de reconhecido valor com suas danças, arremedos, músicas e sapateados.



Boi de Manoel Marinheiro, Natal-28.08.1994

O auto do boi, a cada espaço de tempo modifica-se, mas permanece teimoso e fiel ao seu compromisso, à sua perpetuidade, uma sátira cujo alvo acha-se perdido nos tempos imemoriais.

No Rio Grande do Norte nossos arquivos comprovam a existência de mais de vinte Boi de Reis pelas varias regiões. O folclorista Deífilo Gurgel quando fala do boi potiguar diz que o mesmo se diferencia dos demais bois do resto do país, pela sua autenticidade com relação aos cânticos, rememorando velhos romances remanescentes do ciclo da pecuária nordestina. As representações do boi de reis são feitas em palanques armados em acontecimentos festivos nas cidades, povoados ou em qualquer lugar onde são convidados. Sua apresentação dura em média uma hora, podendo estender-se por muito mais tempo. A figura mais importante não poderia

deixar de ser o boi, louvado e cantado com aboios, vênias, despedidas e lamentações, principalmente na hora em que é sacrificado.

O grupo entra em cena fazendo um grande círculo, executando um forte sapateado no ritmo da musica cantada por todos:

*Massera, minha massera
Massera das alegria
Os anjos dos céus se alegre
Quando estou na padaria*

*Ai Joventina,
Que é seu Juvená
É hora de tirá leite,
Meu garrote qué mamá,
Balança que pesa ouro
Não pesa todo metá*

Severino Vicente



Boi de Bocas, comunidade de Pedro Velho/RN



Boi de Bocas O grupo dançando, em 19.11.1997

Fotos: Deífilo Gurgel

FLOR ADORADA, AMIRA

Música e letra de Olympio Baptista Filho

VOZ

Não sei, flor a-do-ra-da, por que sin-to Um-a sau-da-de,
um-a tris-te-za in-fin-da, meu co-ra-ção. Con-fes-so que não min-to
em me lem-brar de ti, mu-lher tão lin-da! Meu co-ra-lin-da O

O teu olhar, querida, é que decanta
esta minh'alma triste de poeta
em recordar que foste minha santa,
meu lindo amor, minha paixão diletta!

Amas alguém?... Não sei, peço perdão,
porque vivo de amor e sofrimento,
pois não sabes?... meu triste coração
sofre por ti o mais atroz tormento!

Não sei, flor adorada! o meu martírio
ninguém sabe, afinal, compreendê-lo!
- quando eu morrer, irás, meu doce lírio,
a minha câmpa, tristemente vê-lo!...

FONTE
Música: José de Almeida
Letra: "Trovadores Potiguarés"

RECORDAÇÃO

Música: Olympio Baptista Filho

Letra: João Emerenciano

VOZ

Oh! que au-sên-cia cru-el, que dis-sa-bo-res, Pas-sei de ti dis-
tan-te, oh do-ce a-ma-da! Tal co-mo a a-ve-a-ffi-ta e des-ter-ra-da,
Sem nin-ho, sem con-for-to e sem a-mo-res. Tal co-mo a a-ve-a-
ffi-ta e des-ter-ra-da, Sem nin-ho, sem con-for-to e sem a-mo-res Quan-tas

Quantas quadras felizes, venturosas,
Passamos entre risos, ternamente!
Que saudades das horas tão ditosas
Em que os beijos cantavam docemente.

Mas se um dia voltarem os teus carinhos
E o sagrado esplendor dos teus encantos,
Viveremos, quais livres passarinhos
A saltar e a soltar ardentes cantos.

Mas se a morte roubar-me a própria vida
Sem gozarmos, unidos, neste mundo,
Não derrames por mim, mulher querida,
As lágrimas de amor, amor profundo.

FONTE
Música: José de Almeida
Letra: "Trovadores Potiguarés"

GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra valer

FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO

Galeria de Arte
"Newton Navarro"



O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através da Fundação José Augusto, está concluindo as obras da Galeria de Arte "Newton Navarro", espaço aberto a classe artística de Natal. O espaço contará com o salão de entrada da FJA, e os Halls internos até o final do mês de março para exposições e manifestações culturais da cidade e outros eventos.